



NAIM

NA TRILHA DO JUBILEU

NAIM



NA TRILHA DO JUBILEU



NAIM

Elaboração do Subsídio:

Gt dos 50 anos da Pastoral da Juventude:

Alef Luan, Cleyton Souza, Edmar Mota, Felipe Fialho, Felipe Gonçalves, Gabriel Carlos, Marcos Regazzo, Michelle Gonçalves, Mônica Moreno, Renan Gentil, Robson Oliveira, Patricia Itabelle.

Assessoria:

Luis Duarte e Roberta Agustinho

Parceiros:

CEBI – Centro de Estudos Bíblicos;
CNLB – Conselho Nacional do Laicato;
CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil;
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base;
Movimento Nacional de Fé e Política;
Programa Magis Brasil e Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude

Arte dos 50 anos: Chiquinho D’Almeida

Capa e Diagramação: Edson Narciso

Secretaria Nacional:

Michelle Gonçalves (2020-2023)

Wanessa Freire (2023-2026)

Comissão Nacional de Assessoria (CNA): (2020-2023)

Roberta Augustinho

Jassira Figueiredo

Luis Duarte

Marcos Dantas

Pe Atenágoras Alencar

Comissão Nacional de Assessoria (CNA): (2023-2026)

Rosilene Rocha

Adriana Diaz

Ir Lizandra Both

Jonatas Navegantes

Pe Nivaldo Lopes

Coordenação Nacional da Pastoral da Juventude:

Felipe Fialho (Norte 1)

Ingrid Sabrina (Norte 2)

Cleyton Souza (Norte 3)

Rafael Zondonadi (Noroeste)

Edson Narciso (Nordeste 1)

Augusto Andrade (Nordeste 2)

Alef Luan (Nordeste 3)

Ramon Araujo (Nordeste 4)

Raimunda Francisca (Nordeste 5)

Renan Gentil (Leste 1)

Mariana Borges (Leste 2)

Aldiceia Costa (Leste 3)

Mônica Moreno (Sul 1)

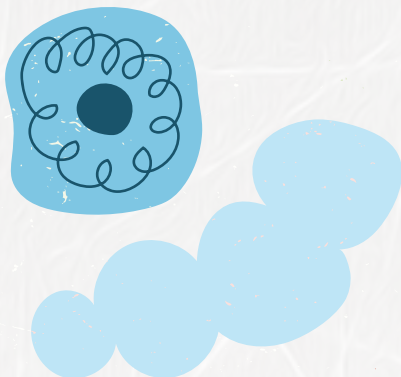
Gabriela da Silva (Sul 2)

Rocheli Koralewski (Sul 3)

Gabriel Carlos Souza (Sul 4)

ÍNDICE

Apresentação.....	04
Naim e o encontro com a viúva - Deus visitou seu povo.....	05
Naim: Lugar do encontro com Jesus e da vocação.....	10
50 anos da PJ: "Jovem, eu lhe ordenos, levanta-se!".....	14
Momentos orantes.....	17
Temática central - Jubileu 50 anos da PJ.....	19
Defesa da vida das juventudes e politicas públicas.....	23
1º Momento:	25
2º Momento:	35
3º Momento:	39



APRESENTAÇÃO

Esse material faz parte do processo formativo proposto pela Coordenação Nacional e Comissão Nacional de Assessores e Assessoras da Pastoral da Juventude e tem por objetivo auxiliar os grupos de jovens a se prepararem para a festa dos 50 anos da Pastoral da Juventude no Brasil.

Os temas foram escolhidos a partir do projeto do jubileu da PJ e atende a solicitação das deliberações da Ampliada Nacional de Erexim em janeiro de 2020, que pleiteou a criação de um material a exemplo do Na Trilha do Grupo de Jovens. Portanto, esse material está sendo carinhosamente chamado de: Na Trilha do Jubileu.

Neste sentido, será apresentada uma sequência de subsídios, ou seja, haverá uma coleção de reflexões desenvolvidas com os parceiros da caminhada. Este material em especial foi desenvolvido em parceria com o CEBI - Centro de Estudos bíblicos, CNLB - Conselho Nacional do Laicato, CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil, CEBs - Comunidades Eclesiais de Base, Programa Magis Brasil e Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.

Agradecemos a todas as pessoas que estão envolvidas nesse trabalho e esperamos que durante o caminho jubilar a “Coleção na Trilha do Jubileu” possa contribuir para os grupos de jovens da PJ.

“O som do nosso coração leva um batuque que só a PJ entende!”

**Coordenação, Secretaria e
Comissão Nacional de Assessores e Assessoras da Pastoral da
Juventude.**



NAIM E O ENCONTRO COM A VIÚVA DEUS VISITOU O SEU POVO

Caroline Santos Teixeira / Múria Carrijo Viana / Rafael Rodrigues da Silva
CEBI - Centro de Estudos Bíblicos

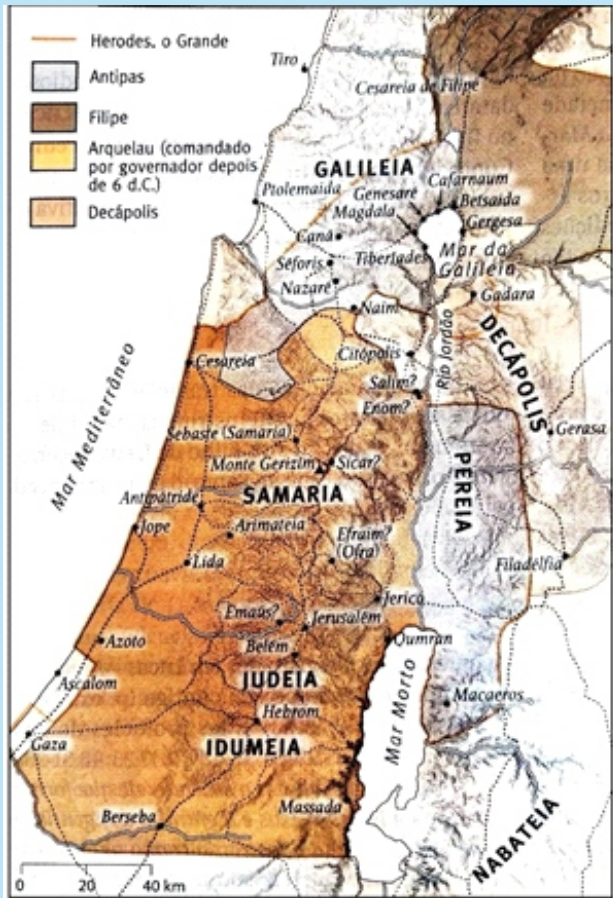
“Em seguida, Jesus foi a uma cidade chamada Naim. E seus discípulos e uma grande multidão o acompanhavam. Quando Jesus se aproximou da porta da cidade, levavam para fora um morto, filho único de uma viúva. E uma multidão da cidade acompanhava a viúva. Quando a viu, Jesus encheu-se de compaixão e lhe disse: “Não chore”. Aproximou-se, tocou no caixão, e os carregadores pararam. Então disse: “Jovem, eu lhe ordeno, levante-se”. O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: “Um grande profeta apareceu entre nós. Deus visitou o seu povo”. E essa notícia se espalhou pela Judeia inteira e por toda a redondeza” (Evangelho segundo a Comunidade de Lucas 7,11-17).

Qual o trajeto de Jesus conforme a comunidade de Lucas? De 4,14 – 9,50 Jesus percorre a Galileia ensinando e curando, pois em 9,51 é dito que “tomou a firme decisão de partir para Jerusalém”. Ou seja, a narrativa traça de 9,51 – 19,27 o caminho para Jerusalém e de 19,28 – 24,53, a chegada a Jerusalém e o relato dos conflitos, a paixão, morte e ressurreição. Portanto, a narrativa de Lc 7,11-17 está situada no conjunto das ações de Jesus na Galiléia.

“ Quando terminou de falar todas essas coisas ao povo que o escutava, Jesus entrou em Cafarnaum” (7,1). Ali curou o servo do centurião. “Em seguida, Jesus foi a uma cidade chamada Naim” (7,11). Duas cenas de cura depois do Sermão da Planície. Uma em Cafarnaum e outra em Naim.

Cafarnaum é uma antiga aldeia na margem noroeste do mar da Galileia. O seu nome em grego (Kapharnaoum) significa “aldeia de Naum” e conforme o Evangelho é aí que Jesus iniciou o seu

ministério. Quanto à cidade de Naim, esta fica a sudeste de Nazaré (muitas vezes é identificada com o moderno vilarejo de Neim) e o seu nome quer dizer: “aldeia do consolo” e o seu nome em hebraico significa “ser agradável, beleza, amabilidade, encanto”. Situada na região de Jezreel (como Nazaré) reporta para os tempos antigos como uma vila marcada pela agricultura e de acordo com os interesses econômicos da época era uma vila muito pobre apesar da riqueza das plantações de oliveira, trigo, uvas e figos na região.



Podemos ver que Jesus andava pela periferia da Galileia e dali foi-se espalhando a Boa Notícia.

Neste caminho das periferias, discipulado e multidão que acompanha Jesus de Carfanaum para Naim e, outra, de Naim a espalhar a boa-notícia por toda a Judeia; é espelho para as comunidades empobrecidas na Grécia entre os anos 70 a 80 d.E.C. Sabemos que o Evangelho segundo as comunidades de Lucas faz afluir as multidões até Jesus, ou seja, ora uma multidão está acompanhando Jesus pelo caminho, ora Jesus vai de encontro a outra multidão que está na margem.

A comunidade nesta pequena cena traz à lembrança uma mulher viúva a chorar a morte de seu único filho. Mas faz com tamanha riqueza de quem na periferia e na margem de uma sociedade que nega mulheres, viúvas, doentes, órfãos, pobres e pedintes, faz com que a multidão perca seu anonimato e se transforme em anunciante de duas dimensões importantes nas antigas tradições: a profecia e a teologia do êxodo enquanto teologia da compaixão. “Um grande profeta apareceu entre nós” e “Deus visitou o seu povo” se apresentam como o grande ressurgir e transformação para o vilarejo de Naim ao descobrir a teologia e a tradição que dá identidade ao seu lugar: “Aldeia do consolo e beleza”.

A riqueza da cena da viúva junto com a multidão a levar o seu filho para ser enterrado aparece na ação de Jesus que “se compadece dela e lhe disse: Não chore” (7,13). O verbo ter compaixão/ter ternura aparece três vezes no Testamento Cristão para se referir ao ser humano: Mt 18,27; Lc 10,33 e 15,20 e oito vezes para se referir a Jesus: Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Mc 1,41; 6,34; 8,2; 9,22 e Lc 7.13. O verbo “chorar” no imperativo (“Não chore!”) dá o tom da ação de Jesus que é mais que humana com aquela mulher que vem da periferia (viúva, pobre, sem filho e, conseqüentemente, sem a herança). Na cena não podemos ficar com uma palavra estática, de ordem e de um Jesus distante da vida. A cena evoca o abraço terno, o enxugar as lágrimas e o consolo que brota do útero/das entranhas.

Quando o texto evoca a memória da profecia e da teologia do êxodo como teologia da compaixão, faz a partir da ação de Jesus que restitui aquele menino para a sua mãe. “O morto sentou-se e começou a falar e Jesus o entregou (restituiu) para a sua mãe”(7,15).

Nas periferias, Jesus e as comunidades não devem estar preocupadas com os rituais de pureza, com os costumes que separam e distanciam e nem tampouco com as religiões que sobrevivem sobre cadáveres e corpos violentados e mutilados. Mas deve caminhar para promover rupturas e transformações. Há um grande silêncio na cena sobre a vida na periferia sobre as condições da mulher e seu filho, sobre a cidade de Naim e a multidão que segue o cortejo fúnebre. Esta mulher vivia de que? O filho morreu do que? O que será desta mulher sem filho naquela sociedade patriarcal? Tendo o filho vivo nos braços, o que muda para esta mulher naquela sociedade patriarcal e androcêntrica? Muitas perguntas ao redor da mulher silenciada na cena e que no fundo são perguntas que o Evangelho escrito conforme a memória e a leitura da vida, fez para os seus dias marcados por violência, morte, exploração, abusos, roubos, entre outros crimes.

A desconstrução da cena deve partir justamente do silêncio sobre a mulher de Naim. O seu choro foi impactante e provocador. Da compaixão à transformação.

A memória do caminho transformador de Carfanaum à Naim e daí para outras aldeias nos provoca no caminho e memória da Pastoral da Juventude: que caminhos de transformação construímos e estamos construindo? Com quem? Como? Quais processos e passos? De onde e para onde? Quais os silêncios estamos rompendo nas periferias? Que boas notícias trazemos das periferias? Que boas notícias iremos levar para as nossas periferias? Como estamos fazendo acontecer a profecia e a teologia da compaixão e ternura?

Referências

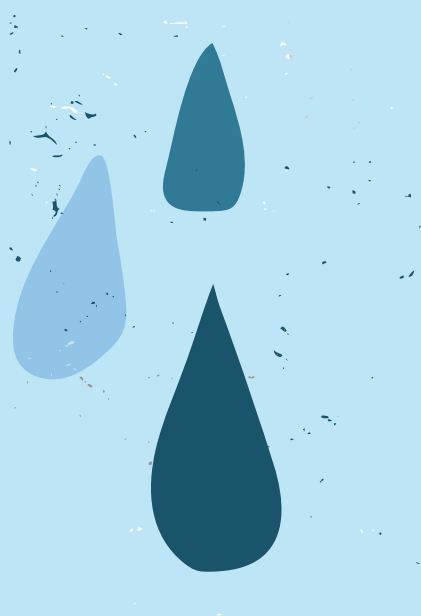
MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco e LOPES, Mercedes. Raio X da Vida, Círculos Bíblicos sobre o Evangelho de João, São Leopoldo: CEBI, 2000.

Nova Bíblia Pastoral, Paulus, 2014.

SASSI, Katia Rejane. Comentário do evangelho: o filho da viúva de Naim. <https://cebi.org.br/biblia/o-filho-da-viuva-de-naim-lucas-711-17-katia-rejane-sassi-4/>

SILVA, Rafael Rodrigues da Silva e SOUZA, Silvia. Construindo caminhos de transformação com as periferias. Deus visitou o seu povo. São Leopoldo: CEBI, Boletim Por Trás da Palavra, ano 40, n.240, p.5-8.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Lendo o Evangelho Segundo João, para que todos tenham vida. São Paulo: Paulus, 1ª edição, 2018.



NAIM: LUGAR DO ENCONTRO COM JESUS E DA VOCAÇÃO

CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil

Na Galileia, próximo a Nazaré, havia uma cidade chamada Naim, somente mencionada por São Lucas (7,11-17), que nos faz pensar sobre 'o que de importante aconteceu aqui' para merecer ser relatada. A narração do encontro profundo de uma viúva e de seu filho único com Jesus, que se torna (local) vocacional.

Jesus, o Verbo encarnado, o Amor em pessoa, se dirigiu a Naim, juntamente com seus discípulos e numerosa multidão (cf. 7,11). Aparentemente, sem segundas intenções, Jesus se encontra com uma viúva e seu filho único morto (cf. 7,12). Entretanto, um encontro com Jesus não é um encontro qualquer, e muito menos um encontro do acaso. Jesus passa pela cidade, aparentemente por 'coincidência', e se encontra com cada um de nós. Encontra uma viúva na maior tragédia que lhe poderia acontecer – o enterro de seu filho único. Assim Jesus, sem sombra de dúvidas, se encontra com tantos jovens que passam por diversas dificuldades, entre elas a busca pelo sentido da vida, o desejo de encontrar a sua vocação e corresponder ao Projeto do Pai.

Proseguindo o relato bíblico São Lucas narra que “O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: **“Não chores!”** (7,13). Jesus VÊ a mãe em lágrimas, e fica COMOVIDO, se compadece diante do sofrimento que está passando: a mãe entra no coração de Jesus.

“Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que o carregavam pararam.” Disse ele, então: **“Jovem, eu te ordeno, levanta-te!”** (7,14). As ações de Jesus são movidas por grande compaixão, e com profunda misericórdia por esta mãe decide enfrentar a morte. “Jesus não solicita e não exige a fé da mãe para realizar algo, pois está tomado de compaixão e o poder de Deus tomou conta de todo o seu ser, proferindo uma palavra poderosa que nem a própria morte pode resistir-Lhe. A cada um de nós Jesus diz: 'Levanta-te'” – diz o Papa Francisco, e exorta-nos: “Deus quer-nos em pé. Criou-nos para estar em pé: por isso, a compaixão de Jesus leva

àquele gesto da cura, a sarar-nos, do qual a palavra-chave é: 'Levanta-te! Põe-te em pé, como Deus te criou!'. Em pé. 'Mas, padre, caímos tantas vezes' - Em frente, levanta-te!'. Esta é a palavra de Jesus, sempre. A palavra poderosa de Jesus pode fazer com que nos levantemos e provocar também em nós a passagem da morte para a vida. A sua palavra faz-nos reviver, doa esperança, encoraja os corações cansados, abre para uma visão de mundo e de vida que vai além do sofrimento e da morte."

"E o morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou a sua mãe." (7,15) Jesus restaura a vida e a saúde ao jovem, e ainda mais, o devolve a sua mãe. Certamente ela estava ali atônita, olhos secos, enquanto removiam as muitas faixas e panos que envolviam o corpo do jovem. Que visão deve ter sido aquela.

"Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: 'Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo' (7,16). Segundo o Papa Francisco, a ação de salvação realizada por Jesus não é exclusiva da viúva e de seu filho, muito menos um gesto de bondade limitado àquela cidade. Pois "no socorro misericordioso de Jesus, Deus vai ao encontro do seu povo, n'Ele aparece e continuará a aparecer à humanidade toda a graça de Deus." A Igreja, ainda hoje, reconhece que Deus visita o seu povo, se faz presente na sociedade, e chama a todos a conversão de vida rumo ao "novo céu e uma nova terra" (Ap 21,1).

Jesus lhe **olha**, Jovem;
Jesus lhe **cura**, com a sua misericórdia;
Jesus lhe **diz**: "Levanta-te!";
E o teu coração renova-se.

A vocação brota do encontro

Os jovens habitam as cidades e vivem das mais diferentes formas cada um dos dias de suas vidas. Há aqueles que vibram todo momento e os que sofrem todo segundo; aqueles que caminham na

retidão e os que vivem na solidão; aqueles que lutam pela sobrevivência e os que buscam a certeza; aqueles que encontram o verdadeiro caminho e os que inventam o próprio... independentemente da situação: "Deus te ama; Cristo te salva; Ele vive!" (Christus Vivit). Não a, porque temer, quando a 'razão do ser' está em conformidade com nossa identidade (vocação) e parte da verdade (Jesus Cristo).

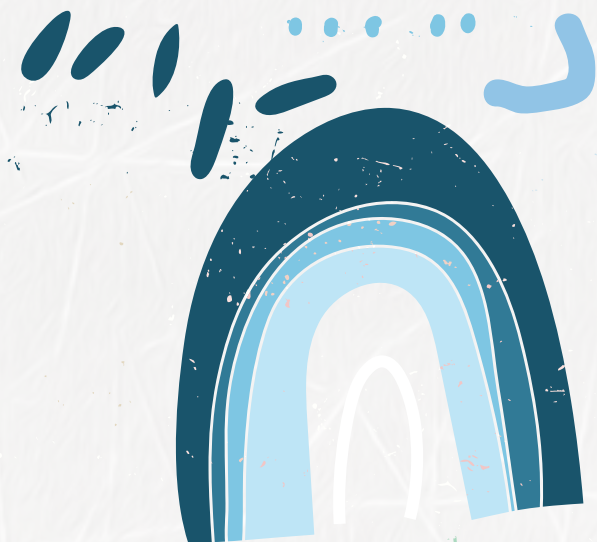
Jesus passou e passa pelo mundo fazendo o bem (cf. At 10,38). Todo o dia Jesus se encontra com você: JOVEM! A cidade "Naim" que você vive, o bairro em que mora, as ruas em que anda... são lugares, espaços, que Jesus também caminha. Você pode pensar que isso é impossível: "como Jesus a de andar em um lugar tão humilde e simples, junto a alguém como Eu?" Entretanto, isso não importa, pois o amor de Cristo excede tudo (cf. Ef 3,19). O local e as suas dificuldades não são empecilhos para a presença de Deus, para o encontro com o Ressuscitado. Pode-se até dizer que é nas maiores dificuldades que percebemos a presença de Jesus – Ele sempre está conosco, mas não o percebemos.

A juventude que possuo, a minha vida, é convidada a perceber e reconhecer Jesus como Cristo. Abrir-se aos mistérios de Deus e deixar-se embebedar por seu amor. Desvelar-se das certezas do mundo e confiar no Eterno (cf. 2Cor 4,18). Estabelecer espaços para que o diálogo com Deus possa acontecer. Conceder lugar para Jesus entrar no meu coração e Eu entrar no coração Dele, assim como a viúva entrou no coração de Jesus.

Jovem, tenha coragem para aceitar o encontro com Jesus. Abra sua própria Vida, (esse lugar: Naim), para encontrar-se com Jesus, e assim responder a Vocação. Pois é impossível descobrir sua vocação, se Você não se encontra, se relaciona, com o responsável pelo sentido da vida. Aquele que sana as dúvidas. A viúva, em seu momento de maior fragilidade, aceitou o encontro com Jesus e permitiu a Sua compaixão, deixando a vida do seu filho mudar – da morte para a vida. Jesus chamou esses dois nesse triste momento. Jesus está a chamar você nesse momento.

Iniciar o processo de abertura para ouvir a sua voz; conversar com Jesus e com um(a) orientador(a) vocacional ajuda a descobrir a vocação. E assim, enxergar o verdadeiro Caminho a ser percorrido, realizando o Projeto de Deus – Projeto de Vida na Vocação encontrada. Permitindo a transformação da pessoa, da família, da Igreja e da sociedade.

Enfim, após esse encontro, pode desabrochar em Você, nos jovens, o desejo de fazer **memória** da presença de Deus; de **agradecer** a salvação da humanidade por Jesus; de pedir **perdão** pelos pecados cometidos; de **suplicar** pela conversão da humanidade; e **esperar** sempre no Senhor. “Que o Deus da esperança vos acumule de toda alegria e paz em vossa fé, a fim de que pela ação do Espírito Santo a vossa esperança transborde” (Rm 15,13).



50 ANOS DA PJ JOVEM, EU LHE ORDENO, LEVANTE-SE!

Aparecida Fernandes
Movimento de fé e política

Lucas (7, 11-17), nas escrituras, relata a ida de Jesus à cidade de Naim e promove, aí, o primeiro milagre de ressurreição de alguém. Isso acontece após Jesus ter curado, em Cafarnaum, o empregado de um oficial romano, aquele que afirmara que não era digno de que Cristo entrasse na casa dele, mas bastava uma palavra para que seu empregado fosse curado. Após esse fato, diz Lucas, Jesus foi para Naim, acompanhando-o os discípulos e grande multidão.

Quando chegou à porta da cidade, eis que levavam um defunto para enterrar; era filho único e sua mãe era viúva. Grande multidão da cidade ia com ela. Ao vê-la, o Senhor teve compaixão dela e lhe disse: “Não chore!” Depois se aproximou, tocou no caixão, e os que o carregavam pararam. Então Jesus disse: “Jovem, eu lhe ordeno, levante-se!” E Jesus o entregou a sua mãe. Todos ficaram com muito medo, e glorificavam a Deus, dizendo: “Um grande profeta apareceu entre nós, e Deus veio visitar o seu povo”. [...] (BÍBLIA SAGRADA. Lc. 7, 12-17)

Esse episódio é revelador sobre o caminho de Jesus e seu projeto de salvação – que se faz na materialidade histórica. Sobre isso, pensemos sobre alguns elementos desse fato. Naim, como o próprio significado hebraico do nome indica, era uma cidade boa de se viver, predominantemente agrícola, com algumas criações, mas pobre.

Por que, ao chegar à cidade, Jesus se compadece da viúva? É importante sabermos do contexto de sociedade da época de Jesus. Era uma sociedade patriarcal e, nesse contexto, a mulher é relegada ao espaço da casa, a servir ao homem. Primeiro, ao pai, depois ao marido. Na falta deste, se não tivesse um filho homem que herdasse os bens do pai, restaria à viúva que algum homem da família do marido a tomasse como esposa, para que não ficasse abandonada e em total miséria. A viúva que Jesus encontra chorando a morte do filho parece estar nessa situação de total abandono.

Impossível não relembrar, aqui, de uma das “obrigações de consciência” ordenadas por Moisés (Dt. 27, 19): “Maldito seja quem distorce o direito do imigrante, do órfão e da viúva”. Desse modo, Jesus restabelece o direito da viúva ao resgatar da morte seu único filho. E, ao chamar o jovem à vida, coloca em suas mãos a responsabilidade de cuidar da mãe. “Jovem, eu lhe ordeno, levante-se!” E Jesus o entregou a sua mãe.”

Mais que tudo, a ordem “levante-se” significa “viva!”. É a mensagem de libertação do projeto de Jesus – o que age em favor dos mais pobres e necessitados. O jovem que revive recebe também a missão de reintegrar sua família – resumida, agora, a si e sua mãe – a uma vida digna. Mas a mãe do jovem não é somente um ser individualizado, mais que isso, é uma categoria social, excluída naquele modelo de sociedade: uma viúva, habitando um lugar pobre.

É claro que poderíamos ainda nos adentrar ao significado das talhas de água que se transformou em vinho, à fala de Jesus, entre outros símbolos, contudo, não é nossa intenção fazer uma exegese, mas demonstrar os elementos vocacionais presentes nessa narrativa. O “faizei tudo o que Ele vos disser” emitido por Nossa Senhora, nos provoca a nos colocar no caminho de Jesus como verdadeiros vocacionados, dispostos a seguir a voz Daquele que chama e que exige uma resposta fiel e verdadeira, tendo sempre em vista a correspondência ao grande amor do Pai que se concretiza no amor aos irmãos, pois a maior vocação ao qual somos todos chamados é ao verdadeiro amor ágape, pois como diz São Justino Apóstolo das Vocações: “um amor que não é dado em completo a Deus, que ama, não é o verdadeiro amor de Deus”.

A cidade de Naim, embora boa de se viver, padecia vítima da pobreza. Quantas cidades, quantos bairros, no campo e na cidade do nosso país não são lugares ávidos por serem bons de se viver, mas permanecem abandonados por políticas públicas, sufocantes para mulheres, idosos, viúvas, para os/as jovens?

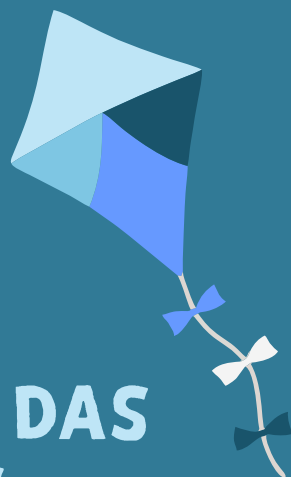
Nesses 50 anos de caminhada, a Pastoral da Juventude ressignifica essa ação de Jesus, lembrando ao/à jovem que é dele/dela o consolo e a resistência pelos dias de dificuldade, mas sobretudo, é dele/dela o



protagonismo de manter viva a esperança, de lutar contra todas as formas de exclusão, de construir, amorosa e responsabilmente, o caminho da vida digna. E é nessa caminhada por justiça que Jesus ordena “levante-se”, porque “Deus vem visitar seu povo”.



MOMENTOS ORANTES



Tema Central:

DEFESA DA VIDA DAS JUVENTUDES POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE

Referencial Teórico-Operativo:

Opção Preferencial pela Juventude, pelos pobres.

Cidade Bíblica: Naim

retomar o compromisso de gerar e defender a vida,
a partir de Jesus que ressuscita o filho da viúva de Naim.
Com Jesus, queremos restaurar a dignidade da vida.



ROTEIRO DE ORAÇÃO – JUBILEU 50 ANOS DA PJ

Defesa da vida da juventude – Políticas Públicas de Juventude

Oração preparatória

Dispor-se:

- Buscar um lugar tranquilo e agradável que ajude na concentração;
- Encontrar uma boa posição corporal.

Preparar-se:

- Repetir algumas vezes o refrão meditativo: Mestre, onde moras? Mestre, onde estás? No meio dos jovens, no meio das jovens. Vem e verás!;
- Ficar em silêncio interior e exterior;
- Respirar lentamente, profundamente e suavemente, com os olhos fechados, prestando atenção no ar que entra e sai pelo nariz;
- Colocar-se na presença de Deus e tomar consciência dessa presença, rezando com devoção a oração – Senhor, desejo que todos os meus pensamentos, minha afetividade e minhas ações se orientem somente para teu serviço e louvor (EE 46).

Composição de lugar

Enxergar, com os olhos da imaginação, os caminhos por onde Jesus passava e a multidão que o seguia, em especial os e as jovens que, seduzidos por suas palavras e atitudes, seguiam-no e abraçavam seu modo de viver e sua missão de anunciar o Reino e levar vida em plenitude a todas as pessoas.

Pedido de graça

Dai-me, Senhor Jesus, a graça de um coração atento e sensível diante das situações que ferem a dignidade da vida dos e das jovens e capaz de uma compaixão ativa que lute sempre pela justiça e pela vida plena deles e delas.

Texto Bíblico: Lc 7, 11-16

Em seguida, Jesus foi para uma cidade chamada Naim. Com ele iam os discípulos e uma grande multidão. Quando chegou à porta da cidade, eis que levavam um defunto para enterrar; era filho único, e sua mãe era viúva. Grande multidão da cidade ia com ela. Ao vê-la, o Senhor teve compaixão dela, e lhe disse: "Não chore!". Depois se aproximou, tocou no caixão, e os que o carregavam pararam.

Então Jesus disse: "Jovem, eu lhe ordeno, levante-se!" O morto sentou-se, e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram com muito medo, e glorificavam a Deus, dizendo: "Um grande profeta apareceu entre nós, e Deus veio visitar o seu povo." E a notícia do fato se espalhou pela Judeia inteira, e por toda a redondeza.

Provocações

Um destaque da espiritualidade que alimenta a Pastoral da Juventude é que ela é Cristocêntrica, ou seja, centrada em Jesus, amigo e companheiro de caminhada. O Evangelista Lucas apresenta Jesus justamente assim, como alguém que está sempre a caminho. Ele é um Deus que caminha, que está junto do povo. É o Emanuel, Deus que caminha conosco.

No entanto, Jesus não é um simples caminhante, um transeunte distraído com olhos apenas para o fim da rota. Pelo contrário, Ele é sempre atento à realidade do seu caminho, àquilo que lhe interpela no agora da vida, para intervir nela. É por isso que foi tocado pela cena com a qual se deparara à porta da cidade, um cortejo fúnebre, no meio do qual chama a atenção uma mãe viúva que chora a perda do filho único. A condição de mulher no tempo de Jesus já era inferior e a esta, com quem Jesus se encontra, junta-se a viuvez e a morte do filho. A mulher chora o filho, mas também chora

sua desumanização, sua desesperança, sua perda total de dignidade. E isso comove profundamente Jesus, que se enche de compaixão a ponto de dizer-lhe “não chore!”.

Ao Senhor aflige enormemente a carência de dignidade, de humanidade. A realidade das comunidades, bairros, cidades, regiões, onde atuam e caminham os grupos da nossa pastoral, também revelam situações degradantes que ferem a humanidade e dignidade dos e das jovens a quem servimos. Estruturas urbanas precárias, falta de equipamentos de lazer, educação sucateada, falta de acesso à saúde de qualidade, ao trabalho e à renda, o preconceito e o racismo, e ainda a cruel sina da violência, tudo isso tira das juventudes o direito a uma vida plena e a que desenvolvam todo o próprio potencial e deve ser levado a sério. Sejamos atentos e atentas como Jesus aos gritos e apelos que ecoam nos nossos caminhos e pedem de nós uma resposta ativa.

Jesus veio para que todos tenham vida e tenham-na em abundância. A PJ também é chamada a lutar por uma vida em plenitude para as juventudes diante de uma realidade profundamente marcada pelo extermínio de jovens e pelo cerceamento de direitos. Habitada pelo Espírito de Cristo, amigo e companheiro na caminhada, deve manifestar a Deus como mistério de compaixão e força de vida, mais forte até do que a morte. Uma compaixão que exige justiça, traduzida como garantia de dignidade e de direitos a todos os jovens e todas as jovens sem exceção.

“Jovem, levante-se” foi a ordem de Jesus para restituir a dignidade da mãe e do filho morto. Como nos chega e compromete essa ordem do Senhor hoje?

Conclua a oração

Conversar com o Senhor, como um amigo conversa com outro amigo, colocando diante Dele o que foi experimentado na

oração, agradecendo e pedindo, segundo o que sentir em si, pelos cinquenta anos de vida e missão da Pastoral da Juventude, e para que continuemos assumindo o compromisso com a defesa da vida de todos os jovens e todas as jovens.

Registro da oração

Anotar no caderno de vida aquilo que resultar mais forte da oração: os sentimentos que ressoaram, os apelos que surgiram, as palavras que marcaram.



Tema Central:

DEFESA DA VIDA DAS JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS

Apresentaremos aqui um caminho que propõe:

1º MOMENTO – Roteiro para reflexão Individual

Políticas Públicas: as juventudes querem viver!

2º MOMENTO: Encontro e reflexão grupal

“E proclamamos que não se exclua ninguém, senão a exclusão”

3º MOMENTO: Encontro comunitário

Cine debate

DESPORTO
E AO LAZER
TERRITÓRIO E
À MOBILIDADE

EDUCAÇÃO
PROFISSIONALIZAÇÃO,
AO TRABALHO E À RENDA
DIVERSIDADE
E À IGUALDADE
COMUNICAÇÃO
E À LIBERDADE
DE EXPRESSÃO

SAÚDE
CULTURA
SUSTENTABILIDADE
E AO MEIO AMBIENTE

CIDADANIA, À PARTICIPAÇÃO
SOCIAL E POLÍTICA E À
REPRESENTAÇÃO JUVENIL

SEGURANÇA
PÚBLICA E AO
ACESSO À
JUSTIÇA

POLÍTICAS PÚBLICAS: AS JUVENTUDES QUEREM VIVER!

SÍMBOLO: A ÁRVORE DA VIDA

OBJETIVO GERAL do SUBSÍDIO: Este subsídio apresenta e reúne memórias e sentidos que colaboram para o reconhecimento da contribuição da PJ na reflexão e construção de políticas públicas de juventude no Brasil, a partir de finais dos anos 90, principalmente, mas também a partir de uma memória coletiva construída desde os primeiros grupos de base da PJ, tendo como pano de fundo a defesa da vida e da dignidade de todas as juventudes brasileiras. Além de um olhar para o que já foi construído, também é urgente que pensemos, na atual conjuntura, após anos de pandemia e de desconstrução de muitas políticas de juventude, quais as novas demandas e possibilidade de construção de políticas públicas, para garantir os direitos das juventudes.

INTRODUÇÃO: As juventudes querem viver, e viver plenamente, com dignidade, direitos, sonhos e autonomia. Nós jovens queremos ser ouvidos, e também queremos ouvir! Para tal, é importante estarmos com os pés bem firmes no chão, olhar para nossa realidade e questionar: como andam as necessidades das juventudes e se seus direitos de saúde, educação, trabalho, livre manifestação, segurança e lazer e o mais importante, o direito à vida com dignidade e sem violências: são reconhecidos, e viabilizados? Como nosso grupo poderia atuar e tem atuado para que o/a jovem viva e lute pela vida de todas as juventudes? Vivenciar essa realidade, celebrar a vida e a história, os serviços em favor do bem viver, e em agradecimento a esses chamados de presença, de afeto, de insurgência de pautas e espiritualidades praticada com, para e por jovens nos processos de Educação na Fé da PJ, apresentamos a seguir três momentos para vivenciar essa temática: um roteiro de oração pessoal; um roteiro para encontro do grupo de jovens, e uma atividade mais ampliada com a comunidade: um “cine-debate”.

ORIENTAÇÕES : Sugerimos que estes encontros não sejam conduzidos somente como um momento analítico das políticas, mas um espaço que possa sensibilizar as juventudes com a temática a pensar possíveis ações.

1º Momento: REFLEXÃO INDIVIDUAL

2º Momento: REFLEXÃO EM GRUPO

“E proclamamos que não se exclua ninguém, senão a exclusão”

3º Momento: ENCONTRO COMUNITÁRIO

Cine debate

1º MOMENTO – ROTEIRO PARA REFLEXÃO INDIVIDUAL

**Políticas Públicas: as juventudes querem viver!
Símbolo: A ÁRVORE E SUA SOMBRA PROTETORA**

Objetivo:

Observar, em reflexão pessoal, como são reconhecidos e viabilizados os direitos de cada um dos e das jovens com quem você tem relação: se seus direitos de saúde, educação, trabalho, livre manifestação, segurança e lazer são reconhecidos, e viabilizados, e de como a PJ poderia atuar e tem atuado para que tais direitos sejam viabilizados na vida de cada jovem de nosso país.

Ambientação:

Busque o lugar preferido da sua casa (não importa se é um quintal ou um sofá). Tente trazer para esse momento alguma foto, ou livro, ou objeto, que te lembre a vida dos e das jovens brasileiros (as) ou aqueles e aquelas que são do seu convívio. Monte seu sagrado neste espaço, com este elemento e com outras ornamentações que desejar (tecido, vela, bíblia, fotos etc.).

➔ 1. Motivação Inicial:

Escute com seu fone de ouvido a canção

“Milionário do Sonho”(Emicida)

em aplicativos de música ou no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=vgdnbRg92n0>



Aproveite para pensar na sua vida: Você estuda? Em escola pública ou privada? Você sabia que estudar, ter acesso à educação, é um direito, e que há políticas públicas de educação que são implementadas para que esse seu direito seja efetivado? Se não estuda é por opção sua ou porque no seu território não são efetuadas políticas públicas de educação adequadas, suficientes, e que não garantem o acesso de todos e todas as e os jovens?

Você já pensou quanto o acesso ou a falta de políticas públicas de educação, saúde, trabalho, impactam a sua vida, as suas decisões, o seu presente e futuro?

➔ 2. Resgatando a História: Os 50 anos da PJ e as políticas públicas

Depois de uma reflexão sobre a importância de defesa dos direitos e de políticas públicas para sua vida e das juventudes, cabe uma segunda reflexão: o que nossa fé cristã, e a Pastoral da Juventude, tem a ver com esse assunto? Aliás, você sabia que a PJ tem se dedicado, durante a sua história, com o tema das políticas públicas de juventude? Sugerimos a leitura, para estudo pessoal, do texto que está no anexo:

(vide anexo: “**VENTOS E DIREITOS**”)

“O sentido dos ventos dos direitos das juventudes”

- Para ficar na memória: quais pontos desse relato te chamam mais a atenção?

- Quais direitos das juventudes você considera que ainda estão por serem efetivados?

- Qual o papel da PJ, nos tempos que vivemos, e nos que virão, diante de tais desafios?

➔ 3. Leitura bíblica: Mateus 25, 31-46

Em postura de reflexão e oração, conversar com o Senhor: Jesus está presente em todas as juventudes que estão com fome, frio, sem casa, preso ou imigrante: o que devemos fazer, como cristãos, diante de tais realidades? Lutar por políticas públicas, ações governamentais, também é uma forma de dar o pão, trabalho, educação, enfim, os direitos de todo jovem a viver uma vida digna?

➔ 4. Oração:

Procure pensar em algumas palavras, frases ou ideias mais importantes que te afetaram, nas reflexões que fez. Repita tais palavras, enquanto reza, ouve ou canta está linda canção, tão conhecida em nossas comunidades:

Seu nome é Jesus Cristo e passa fome
E grita pela boca dos famintos
E a gente quando vê passa adiante
Às vezes pra chegar depressa à igreja

Seu nome é Jesus Cristo e está sem casa
E dorme pelas beiras das calçadas
E a gente quando vê aperta o passo
E diz que ele dormiu embriagado

Entre nós está e não O conhecemos
Entre nós está e nós O desprezamos

Seu nome é Jesus Cristo e é analfabeto
E vive mendigando um subemprego
E a gente quando vê, diz: é um à toa
Melhor que trabalhasse e não pedisse

Seu nome é Jesus Cristo e está banido
Das rodas sociais e das igrejas
Porque d'Ele fizeram um Rei potente
Enquanto Ele vive como um pobre



Entre nós está e não O conhecemos
Seu nome é Jesus Cristo e está doente
E vive atrás das grades da cadeia
E nós tão raramente vamos vê-lo
Sabemos que ele é um marginal

Seu nome é Jesus Cristo e anda sedento
Por um mundo de Amor e de Justiça
Mas logo que contesta pela Paz
A ordem o obriga a ser de guerra

Entre nós está e não O conhecemos
Entre nós está e nós O desprezamos

Seu nome é Jesus Cristo e é difamado
E vive nos imundos meretrícios
Mas muitos o expulsam da cidade
Com medo de estender a mão a ele

Seu nome é Jesus Cristo e é todo homem
E vive neste mundo ou quer viver
Pois pra Ele não existem mais fronteiras
Só quer fazer de todos nós irmãos

ANEXO

A Pastoral da Juventude e a “direção dos ventos” dos direitos das juventudes

“Quando vocês veem uma nuvem levantar-se do poente, logo dizem: vem a chuva! E assim sucede. E quando sopra o vento sul, vocês dizem: 'Vai fazer muito calor'; e assim acontece. Hipócritas, sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu; como é que não sabeis reconhecer o tempo presente?” (cf. Lc 12, 54-56)

Olhando para a história da Pastoral da Juventude, percebe-se um movimento de acompanhar “a direção dos ventos” das juventudes, e suas demandas por direitos.

● PRIMEIRO MOMENTO (ANOS 70/80): DIREITOS CIVIS e GARANTIAS INDIVIDUAIS E POLÍTICAS

Quando surgem, nos idos de 1973, os primeiros grupos de jovens católicos que refletiam sobre a realidade político-social daquele momento, vivíamos os “anos de chumbo” da ditadura, sob a vigência do AI-5 (censura, torturas, clandestinidade da política, proibição do direito à reunião, etc.). Aos poucos, tais grupos foram se articulando até aparecer o “corpo” de uma pastoral orgânica, protagonizada por jovens e orientada por assessores (as). Estes grupos se identificavam, ainda que não explicitamente, com a experiência da ação católica especializada (Juventude agrária católica, estudantil, rural, etc..) que tinha perdido sua força (ou foi para a “clandestinidade eclesial” e social) no início dos anos 60, com o advento da Ditadura Militar e a perseguição a grupos que lutavam pela democracia, e de análise e ação social, como se propunham os movimentos juvenis da Ação Católica.

Com uma organização pastoral que nasce preocupada com a situação sócio-política do país, imbuída do espírito da Conferência de Medellín, espécie de “tradução” das decisões do Concílio Vaticano II para a realidade da América Latina, e fortemente influenciada pela Teologia da Libertação, foi natural que os grupos se traduzissem num espaço de reflexão, quase um oásis no deserto da participação política (sem contar a clandestinidade, por óbvio) que se vivia.

Os direitos reivindicados pela sociedade, e juventudes, naquele momento, entre outros, eram: liberdade de expressão, de reunião, de participação política. Ou seja, os direitos civis básicos. Aquilo que, teoricamente, chamamos de “primeira geração de direitos humanos”. Essa foi, provavelmente (ajudem-nos, militantes e assessores da época) uma das marcas da Pastoral da Juventude em seu início: **Jovens cristãos católicos falando de participação política, de realidade social, de metodologia de trabalho popular, em plena vigência da ditadura civil-militar, e de um estado de exceção e de censura...**

¹ No final “grudei” um esquema acerca dessas gerações dos direitos humanos.



Era, igualmente, a tônica da organização das comunidades eclesiais de base, das quais participavam boa parte dos jovens “pejoteiros”. Não faltavam referências para inspirar a atividade eclesial: Dom Helder Câmara e Dom Paulo Evaristo Arns, denunciando profeticamente os ataques aos direitos humanos (torturas, desaparecimentos e perseguições políticas), e gente (como os dominicanos Frei Betto e Frei Tito), mostrando em seus corpos as marcas da tortura e martírio, deles e de tantos e tantas militantes cristãos. Também não faltou o acompanhamento e estímulo dos assessores “pais” da Juventude: Hilário Dick, Jorge Boran, Albano Trinks...

Podemos dizer assim que, o simples fato de existirem, naquele momento, enquanto grupos juvenis que discutiam a necessária articulação entre fé e vida, fé e compromisso social, apesar de toda repressão que ocorria na sociedade, já lhes conferia uma bandeira: democracia, a luta por direitos civis mencionados acima, entre outros.

Mas, é importante lembrar, que tudo isso se deu, sob um processo de **formação de base, nas CEB’s**, acompanhando e dando a cara jovem a uma igreja que contribuía, com os líderes acima citados, para o fim do regime militar, para a anistia dos presos políticos, a abertura política e o estímulo à participação política, etc.

● **SEGUNDO MOMENTO (FINAL DOS ANOS 80 ATÉ MEADOS DOS ANOS 90): DIREITOS POLÍTICOS**

Após a reconquista dos direitos civis e políticos, com a promulgação da Constituição de 1988, a pastoral da juventude dos anos que se seguiram (década de 90) passou por momentos de forte participação política, engrossando os movimentos de rua (“Fora Collor”), estimulando uma efetiva participação de jovens nos processos políticos, não como coadjuvantes, mas também como protagonistas, como por exemplo: a campanha de do voto aos 16 anos, a filiação em partidos políticos visando candidaturas nas eleições, etc.

Meu primeiro curso de formação na pastoral da juventude ocorreu no final desse período – 1988, já superada a ditadura, momento de reorganização da democracia, e foi uma grande surpresa para mim o

discurso dos assessores, “pregando” vivamente que nos envolvêssemos nas discussões sobre a constituinte, nos comitês que se formavam também na Igreja, e também estimulando a participação em partidos políticos e sindicatos, tendo como pano de fundo o ideal da “Civilização do Amor”, da qual falava o Papa Paulo VI. Ou seja, plena vivência do direito à participação, liberdade de expressão, positividade (ou seja, pretensão de que tudo isso fosse inscrito na constituição) e afirmação dos direitos e garantias individuais e políticas.

Lembro ainda que, participando da coordenação nacional da PJ pelos anos 1995 e 1996, falávamos num mapeamento dos militantes que tinham sido candidatos nas eleições daqueles anos. Houve, inclusive, a formação de uma rede de referidos candidatos de eleitos “pejoteiros”: a REDE MINKA. O lema do DNJ de 1996: “Eu quero ver o novo no poder”, estimulava as candidaturas juvenis. Em 1998, também eu assumi uma candidatura a deputado estadual, motivado e amparado, durante a campanha, pelos militantes da pastoral da juventude do regional sul 1.

● **TERCEIRO MOMENTO (FINAL DOS ANOS 90, BOA PARTE DOS ANOS 2000): DIREITOS SOCIAIS – POLÍTICAS PÚBLICAS**

Desde os anos 80, é bem verdade, temas como trabalho, desemprego, educação, saúde, direito e acesso à terra, entre outros já vinham sendo discutidos pela pastoral da juventude, seja nos subsídios de formação, seja como temas de seminários nacionais, e DNJs. Mas, no final dos anos 90, já contando com alguns militantes eleitos para cargos políticos, uma expressão começou a dominar as conversas da pastoral da juventude: POLÍTICAS PÚBLICAS. Ou seja, a percepção de que os direitos sociais, econômicos e políticos, já garantidos na Constituição Federal, careciam ainda de serem implementados como “políticas”: medidas governamentais para concretizar o acesso dos jovens a tais direitos. E tal temática, das políticas públicas, passou a pautar as conversas, os seminários, os subsídios e os DNJs, durante quase de uma década. Houve na região da grande São Paulo e litoral, inclusive, um grande Congresso da Pastoral da Juventude com esse tema, em 2002.

Muitos pesquisadores que estudam a realidade das juventudes brasileiras, reconhecem que a pastoral da juventude foi uma, se não a primeira organização a pautar, com a própria juventude, essa temática.

Passou-se, então, a partir da primeira metade da década de 2000, a ser

estimulada a participação dos militantes da pj nos vários conselhos governamentais de juventude, responsáveis pela implementação das políticas públicas nas três esferas de governo: conselhos municipais, conselhos legislativos, secretarias municipais ou estaduais de juventude, e inclusive o Conselho Nacional de Juventude, que teve, desde sua primeira formação, representantes da pastoral da juventude., inclusive assumindo a presidência do conselho num período inicial, cadeira que ocupou a jovem Ellen, secretária nacional da PJ, á época.

Há que se levantar a quantidade de políticas pensadas e elaboradas por jovens protagonistas desses processos, durante todos esses anos, em todas as esferas de governo. E a contribuição da pastoral da juventude nesse processo foi fundamental, reconhecidamente impactante.

● **QUARTO MOMENTO (MEADOS DOS 2000, AO INÍCIO DOS 2010): DIREITO À VIDA**

Constatou-se, a partir da vivencia nas comunidades, e de relatórios de pesquisas sociais, de que estava em curso um verdadeiro extermínio de jovens nas periferias das cidades e no campo, principalmente da juventude negra. Índices alarmantes de homicídios de jovens, principalmente por forças estatais (policias e outros), levaram a pastoral da juventude a encampar uma campanha nacional contra o extermínio das juventudes.

Muita gente foi mobilizada: as pastorais da juventude, pastorais sociais, entidades governamentais. Teve razoável visibilidade social, e marcou a PJ como uma das defensoras da vida , integridade física e da liberdade da juventude em nosso país.

Paralelamente, ocorriam propostas de criminalização e encarceramento em massa da juventude, e projetos de lei que previam a redução da maioria penal. Também esse aspecto foi incorporado à campanha contra o extermínio. A mão vermelha, gritando “basta de extermínio”, e o grito: **A JUVENTUDE QUER VIVER**, moveu corações e mentes inspirou a luta. Esse grito se ouviu na JMJ do Rio de Janeiro (2013), ainda que não tenha sido garantido muito espaço na “programação oficial” da Jornada. Foi “encerrada oficialmente” em 2014, mas a temática e a luta continuam.

Nesse período, as juventudes brasileiras viveram momentos fortes de mobilização e participação social. Nas chamadas “Jornadas de junho”, a juventude do Movimento passe livre (MBL) foi a grande protagonista em seu início, mas a mobilização social, em grande parte, acabou cooptada por pautas conservadores e

de direita política. Em 2015, jovens estudantes secundaristas ocuparam suas escolas, contra a reorganização escolar, o novo ensino médio, a privatização de escolas, o fechamento de salas de aula, entre outros, que vinham ocorrendo por iniciativa dos governos. E nas redes sociais, a cyberativismo político ganha grande adesão (de grupos das mais variadas vertentes ideológicas de esquerda e direita), numa interface entre a militância nas redes, e nas ruas. A PJ esteve e está presente nessas várias lutas, com a adesão de pejoteiras e pejoteiros.

● **QUINTO MOMENTO: (2015 A 2022): DIREITOS DAS MINORIAS – GALILEIAS JUVENIS (DESTAQUE PARA OS DIREITOS DAS JOVENS MULHERES)**

O último período foi marcado por um clamor juvenil cujos primeiros ecos já vinham sendo ouvidos desse o Encontro Nacional da PJ em Manaus, mas foi na Ampliada Nacional do Crato, sob a luz da mística das “Galiléias juvenis”, que ele se fez ouvir mais forte: **O grito pelo direito das jovens mulheres, contra todas as formas de violência:** o feminicídio, os assédios, os abusos, o machismo estrutural, a misoginia. Nascia ali a Campanha Nacional de Enfrentamento dos Ciclos de violência contra as mulheres. Tempo forte de ouvir o grito das jovens mulheres, historicamente sufocado pela opressão e o silenciamento forçado, das relações abusivas, das violências físicas e morais, das masculinidades tóxicas, violências vivenciadas nas ruas, nas casas, nas igrejas, na PJ. Outros Gritos simultâneos começaram a ecoar e se somar: do direito das juventudes LGBTQIAPN+, da resistência das juventudes indígenas, quilombolas, dos jovens refugiados, da juventude negra, etc. Gritos contra a homofobia e derivados, o racismo estrutural, o extermínio das juventudes indígenas e quilombolas, a emergência ambiental, entre outros.

Enquanto se desenvolvia a campanha nacional pelos direitos das companheiras, que ganhou maior impulso durante o encontro nacional da PJ no Acre, eis que o mundo é surpreendido por uma pandemia alarmante, a do Coronavírus. E o impacto disso nas vidas das juventudes, acendeu novos sinais amarelos: a saúde mental, a ausência generalizada de empregos e direitos trabalhistas para as juventudes, a dificuldade em acessar a educação remota, o descaso governamental, a ausência de políticas públicas, tem levado contingentes juvenis a um novo ciclo de desemprego, enfermidades mentais e corporais, miséria, fome e falta de sentidos e perspectivas de vida. As mesmas juventudes que enfrentam esse quadro social degradante, parecem ressignificar suas lutas para enfrenta-lo.

● **NOVOS E ANTIGOS HORIZONTES DE DEFESA DOS DIREITOS, NO MARCO DO JUBILEU DOS 50 ANOS DA PJ:**

Como vimos, a Pastoral da Juventude, em seus 50 anos de história, esteve sempre atenta aos “sinais dos tempos”, a direção dos ventos das demandas das juventudes: esteve envolvida na luta pelos DIREITOS CIVIS (décadas 70 e 80), DIREITOS POLÍTICOS (anos 80 até meados dos anos 90), DIREITOS SOCIAIS – POLÍTICAS PÚBLICAS (década de 90 e início dos anos 2000), DIREITO à VIDA e DIGNIDADE (anos 2005 a 2014) e DIREITOS DAS MINORIAS e das galileias juvenis (2017 até o atual momento).

E daqui para adiante? O que está por vir?

AVANTE! Reino adentro!

Com carinho, esperança e liberdade,

Márcio Camacho

Instituto Paulista de Juventude - São Paulo/SP

Quadro sinótico do processo histórico descrito acima:

ÉPOCA	LUTA POR	AÇÃO DA PJ
Anos 70-80	Direitos civis/garantias individuais e políticas	Forte formação de base (fé e política) e engajamento social
Fim dos 80/anos90	Direitos políticos	Engajamento partidário, candidaturas, processos eleitorais
Fim dos 90/Anos 2000	Direitos sociais e Políticas públicas	Políticas públicas de/para/com juventude
Meados de 2000/ meados de 2010	Direito à vida	Campanha contra o extermínio e contra a redução da maioria penal
2015 até a atualidade	Direitos Das Minorias (galileias juvenis): MULHERES	Campanha Nacional de enfrentamento dos ciclos de violência contra as mulheres



2º MOMENTO: ENCONTRO E REFLEXÃO GRUPAL

“E PROCLAMAMOS QUE NÃO SE EXCLUA NINGUÉM, SENÃO A EXCLUSÃO”

SÍMBOLO: A ÁRVORE DA VIDA E SUAS RAÍZES

Objetivo: Refletir como é importante a construção de políticas públicas que atendam aos clamores das juventudes e da população em geral, sendo que esse processo nos convida ao engajamento para um projeto coletivo que supere as desigualdades tão latentes no meio em que habitamos.

Material e ambientação: Acesso ao Youtube, Bíblia, papéis, canetas, objetos e símbolos para construção do “sagrado” e que façam memória ao cotidiano.

Organizar o ambiente em círculo, em local onde seja possível o distanciamento mínimo entre as cadeiras.

Se o encontro ocorrer no formato virtual, convidar os participantes a fazer a sua própria ambientação, de onde estiver (casa, comunidade...), e preparar os materiais acima elencados.

➔ 1. Reflexão:

Música - MANIFESTAÇÃO:

<https://www.youtube.com/watch?v=l-GElt4KVhl&list=RDI-GElt4KVhl&index=2>



Disponibilizar a cada participante uma cópia da letra da música e motivar o grupo para, enquanto escuta e contempla as imagens dispostas no clipe, anotar de forma individual o trecho da música que mais chamou a atenção.

Após, de forma breve, fazer um ressoar do que mais nos impactou.

Após a partilha, concluir trazendo ao grupo as seguintes perguntas:

**Qual a realidade que me cerca? Eu a conheço e me aproprio?
Onde e como posso contribuir para vivermos em uma sociedade
mais justa e igualitária?**

➔ 2. Roda de conversa:

A partir da discussão das perguntas acima, sabemos o quanto é importante reconhecer a realidade que nos cerca e perceber as fragilidades e as potencialidades do meio em que vivemos.

Depois, é necessário compreender que quando o processo de construção de políticas públicas é feito de forma adequada, sobretudo no processo de escuta, participação efetiva e engajamento das juventudes, teremos sempre mais chances de colher bons resultados.

Mas afinal, o que é política pública? São ações e programas desenvolvidos pelo Estado para garantir e colocar em prática direitos previstos na Constituição Federal e em outras leis, como as presentes no “Estatuto da Juventude”.

Como trabalhar políticas públicas?

Conhecer a Constituição Federal e os meios de exercício de pelo povo, seja por referendos, plebiscitos, projetos de leis de iniciativa popular, engajamento nos conselhos paritários de direitos.

Conhecer a estrutura do Poder Público, composto pela UNIÃO, DISTRITO FEDERAL, 26 ESTADOS E 5.570 MUNICÍPIOS e, a divisão dos poderes em Executivo, Legislativo e Judiciário.

Diferenciar Política de Estado de Política de Governo. A primeira, amparadas na Constituição Federal e devem ser realizadas independentemente do governo atuante. Ex. SUAS, SUS, Previdência

Social. A segunda, específicas a cada período do governante, diante da alternância do Poder. Ex. Corujão da Saúde, Bom Prato, Minha casa, Minha vida.

➔ 3. Conhecer o ciclo de construção de uma política pública:



Retomar o ponto de partida e olhar para a nossa realidade:

Como é a cidade, o bairro onde moro? A escola/universidade?

O que existe? O que falta?

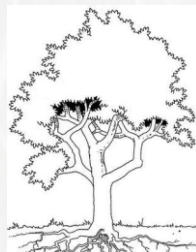
Quais iniciativas deram certo?

Quais as dificuldades e as facilidades?

➔ 4. Dinâmica: Árvore dos problemas

O animador/a convida um/a dos/as participantes a se dividirem em grupo.

Após, entregar para cada grupo uma folha contendo a seguinte imagem que pode ser baixada na internet:



➔ 5. Leitura Bíblica e Iluminação:

O tema Políticas Públicas e Defesa da Vida, segundo o projeto de celebração dos 50 anos da PJ, tem como referência de cidade bíblica, Nain. A partir dessa cidade, somos convidados e convidadas a “retomar o compromisso de gerar e defender a vida, a partir de Jesus que ressuscita o jovem filho da viúva de Nain”, na certeza de que, “com Jesus, queremos restaurar a dignidade da vida”. Para colaborar nessa trajetória realizada, reportemo-nos à Palavra de Deus, como caminho para aquecer nosso coração.

Leitura: Lc 7, 11-17

➔ 6. Compromisso Missionário:

É hora de expandir essa conversa e fazer com que toda discussão e reflexão realizada não se limite ao nosso grupo de base. Nesse momento, está claro que não só falar, mas compreender melhor de que se tratam as Políticas Públicas, deve ser algo constante em nossas reflexões e ações, afinal, a política permeia nosso dia a dia, podendo gerar, de acordo com sua ausência ou eficácia, impactos negativos ou positivos na qualidade de vida de todos e todas.

Sendo assim, quem anima o encontro, motiva que os/as jovens assumam o compromisso de articular e convidar a comunidade, eclesial e/ou do território, como Crisma, catequeses, pastorais e/ou organizações e instituições, para um cine-debate. O grupo pode se organizar da forma que melhor atenda à realidade, dividindo tarefas ou indicando responsáveis para questões como: Definir quando e onde será, pensar e realizar a divulgação, preparar a infraestrutura do dia.

➔ 7. Saideira:

Ciranda – “Companheiro me ajude”:

<https://www.youtube.com/watch?v=CxxujavliIQ>

(versos e passos)



Ensaiai o ritmo e os versos para que aprendam a letra antes da ciranda, desde já, pedindo para que internalizem o que estão cantando. explicando que é simbólico marcarem o compromisso assumido em roda, de mãos dadas e cantando esses versos que dizem muito sobre o trabalho pastoral e sobre a potência de alcançar outros espaços e pessoas quando estão juntos/as.

**Companheira me ajude / Que eu não posso andar só,
Eu sozinho ando bem / Mas com você ando melhor!**

3º MOMENTO: ENCONTRO COMUNITÁRIO CINE DEBATE

SÍMBOLO: A ÁRVORE DA VIDA

Objetivo: Observar e discutir a partir do filme Eu, Daniel Blake, como a ausência de políticas públicas eficazes interferem de fato nos ciclos de vida da sociedade, especialmente, daqueles e daquelas que mais são carentes desses serviços.

Material e ambientação: Acesso ao YouTube, aparelho para transmissão do filme (tela, televisão ou projetor), pipoca (se desejar). Separar algumas imagens do filme e trazer elementos que remetam os outros dois momentos para ambientar, atentando-se para que não atrapalhe a visualização da tela/projetor. Compor o espaço separado para a ambientação com vela, bíblia, tecidos, frases etc.

O que é cine debate?

A proposta de Cine debate é conectar produções cinematográficas, como filmes, documentários, curta metragens ou vídeos, com a temática que for desejada. Após a exibição, é realizada uma discussão que estimula os/as presentes a conversarem. Existem algumas possibilidades de formato, algumas delas são:

- ➔ Assistir previamente e priorizar a discussão no encontro;
- ➔ Assistir no próprio encontro já com as perguntas sinalizadas;
- ➔ Assistir e recolher as impressões na sequência, conforme proposto a seguir:

➔ **1. Motivação inicial:**

Partilhar com os presentes, especialmente os que não tiveram contato com os outros dois roteiros, a importância de discutir sobre políticas públicas e explicar o objetivo desse momento, conforme citado acima, motivando que ao assistir **“Eu, Daniel Blake”** observem os pontos que esse filme se relaciona com a temática.

➔ **2. Sobre o filme:**

Após uma parada cardíaca, Daniel se afasta do trabalho e busca auxílio financeiro do governo. No meio da burocracia que quase o leva à loucura, ele conhece uma mãe solteira na mesma situação e eles desenvolvem uma forte amizade.

Data de lançamento: 2016 (Reino Unido)

Tempo: 1h 40m

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=129PJj-q6E>



➔ **3. Discussão:**

Após o filme, conduzir a partir de três perguntas norteadoras:

- Esse filme está próximo ou distante da realidade de acesso a políticas públicas no Brasil?
- Alguém já passou ou conhece quem tenha passado por uma situação parecida?
- Ao assistir o filme, quais posturas vocês sentiram que poderiam ser diferentes?

➔ **4. Encerramento:**

Assim como o grupo assumiu o compromisso de articular o cine debate, convidar os/as presentes a se responsabilizar por

continuar ecoando esse debate na família, escola, faculdade, trabalho, círculos de amigos/as etc. Além de, seguir estudando e se apropriando cada vez mais dessa pauta.

Recitar o Poema **“Ser Poesia”** de Adams Pontes, para finalizar:

Ser poesia

“Ser poeta, não é escrever poemas. É ser poesia” (Sérgio Vaz)

Poeta tão capaz, tão sagaz, que nos traz reflexão,
E dessa forma iniciamos nessa construção coletiva,
Num texto cheio de lutas, mas também cheio de rimas.
E quem é que define o ser poesia?

Da ponte pra cá é bem mais do que uma utopia,
Ser poesia é estar com aqueles e aquelas que lutam por democracia,
Nas mais diversas comunidades enraizadas no seio da periferia.
É dar voz pras representatividades locais,
Justamente com as pastorais,
movimentos, associações,
CEBs e demais comunidades eclesiais.
É ser mais, bem mais que denunciar os problemas do cotidiano,
É estar junto, apontando soluções e criando novos planos.
Assim explano, ou melhor, assim eu agradeço,
Pois a doação do trabalho de cada um e cada uma não tem preço.

“É missão de todos nós. Deus chama, eu quero ouvir a sua voz!” (bis)

Mas, qual é a voz que ecoa no fundão?
Será que estamos sendo sal e luz no caminho da evangelização?
Em meio às mazelas e as tretas do dia a dia
Que muito se intensificaram em meio a pandemia,
Problemas aos montes tivemos a reveria
E fechar os olhos para tudo isso seria apenas um ato de covardia.
Papa Francisco nos traz em sua Exortação Apostólica Evangelii Gaudium:
“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas

estradas,
a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às
próprias seguranças.”

Palavras essas de reflexão, mas também de esperança.
Nos requer mudança,
Nos requer ação,
Nos requer levar a palavra para todos aqueles e aquelas
Que nunca ouviram a palavra exortação
Mas, sem arrogância, soberba e cheios da razão,
Sim, com humildade, escuta e mais do que tudo... Coração.
Coração esse que pulsa sangue,
Sangue esse que muitas vezes temos “no zóio”,
Sangue no zóio que nos faz tremer de indignação.
Dos atos de xenofobia, machismo,
Racismo, homofobia e misoginia praticados nessa nação.
Indignação por cada injustiça social, do abismo social,
Da diferença de mundos, do privilégio de poucos, do sofrimento de muitos.

“Eu só peço a Deus, que a dor não me seja indiferente”

Que a injustiça não me seja indiferente,
Que a mentira não me seja indiferente,
Que o futuro não me seja indiferente,
Que possamos cantar livremente que:

“Um novo sol se levanta, pois nasce hoje a civilização do amanhã,
Uma corrente, mais forte, que o ódio e que a morte,
Nós sabemos, o caminho é o amor.”

E sem dúvidas, o amor é ser poesia.

(Adams Pontes)



Parceiros

